

Capoeira transnacional: questões norteadoras

COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Musicologia, Estética Musical e Interfaces (Mídias, Semiótica, Musicoterapia)

Simone Miranda Simões Grundner
Mestranda na UFRJ – simonefaitu@gmail.com

Resumo. O presente trabalho surgiu a partir de estudos realizados para a dissertação sobre “O papel da música na internacionalização da capoeira”. Pretende-se refletir sobre aspectos que devem ser considerados ao desenvolver a pesquisa sobre a capoeira na Europa. De que maneira deveria o pesquisador tratar as informações obtidas ao longo da pesquisa? Que questões deve lembrar e considerar ao entrevistar ou colher os relatos dos envolvidos? O trabalho terá como fio condutor a história oral relatada pelos mestres de capoeira que a levaram e sedimentaram na Alemanha, França e Holanda complementada por fontes documentais e iconográficas. Maneiras de compreender os documentos, relatos, subjetividades e suas relações com a identidade social assim como a criação da imortalidade, perpassam o pensamento da pesquisadora que por meio dos pensadores Jacques Le Goff, Michael Pollak e Santuza Naves constrói seu fundamento teórico para seguir com o seu trabalho.

Palavras-chave. Música de capoeira. Identidade. História Oral. Monumento. Questões norteadoras

Title. *The Music of Capoeira in Europe: Guiding Questions*

Abstract. This work emerged from studies conducted for the dissertation on "The role of music in the internationalization of capoeira". It aims to reflect on aspects that should be considered when developing research on capoeira music in Europe. How should the researcher treat the information obtained throughout the research? What questions should you remember and consider when interviewing or collecting the interviewees' reports? The work will lead the oral history reported by the masters of capoeira who took and settled in Germany, France and Holland complemented by documentary and iconographic sources. Ways to understand documents, reports and their relations with social identity as well as the creation of immortality permeate the thought of the researcher who through the thinkers Jacques Le Goff, Santuza Naves and Michael Pollak, builds their theoretical foundation to continue with their work.

Keywords. Capoeira Music. Identity. Oral History. Monument. Guiding Questions.

1. Introdução

Este trabalho é resultado da disciplina Seminários de Musicologia II onde me debrucei sobre as referências estudadas construindo reflexões que pudessem formar uma ideia mais ampla sobre o significado do material colecionado para a pesquisa qualitativa direcionada à dissertação “O papel da música na internacionalização da capoeira na Alemanha”. Ao refletir sobre as entrevistas que serão realizadas para a dissertação sobre a capoeira na Europa, mais especificamente na Alemanha, e as formas de apreender e compreender os documentos coletados, muitas são as questões que perpassam a minha mente. Questões essas, que precisam estar direcionadas e objetivadas de forma que deem conta de

uma historiografia que considera as peculiaridades da capoeira e as subjetividades que podem trazer e enriquecer o trabalho. Ao estudar os textos dos autores citados, observei elementos que pretendo ter em mente ao entrevistar e coletar relatos e fontes documentais dos mestres de capoeira, envolvidos no movimento transnacional assim como dos alunos participantes.

Nesse artigo, pretendo apontar algumas referências bibliográficas norteadoras que serão consideradas por mim, autora da dissertação *O papel da música na internacionalização da capoeira*, em processo de construção. Sob a compreensão de que a história é uma constante que possibilita uma série de visões e interpretações, que toda memória é seletiva, que o indivíduo muitas vezes cria fatos para se exaltar frente aos resultados, que até uma mentira pode ser considerada fonte de informação que nos leva a outra inesperada, que há de se respeitar as subjetividades para dar espaço ao desconhecido e que o processo de construção de saber pode ser revelador desde o princípio do trabalho, pretende-se gerar por meio desse texto uma discussão que busca encontrar a forma mais eficiente de conectar a vivência com a ciência.

Reflete-se também acerca de como compreendemos e entendemos o material coletado frente ao texto que lemos e ao que produzimos. O pesquisador pode criar outras perspectivas de compreensão e de formas de relatar que estão para além do que já está estabelecido e fundamentado a fim de desenvolver metodologias ou outras formas de uso das metodologias existentes de maneira que atendam temas específicos da pesquisa.

Estudar o significado da história em seu cerne por meio dos autores citados, conscientizar-se de seu papel de cientista e das eventuais disputas de poder em torno da informação e fontes documentais assim como da responsabilidade atribuída ao pesquisador, são etapas constitutivas de um cientista em formação.

Documentos provenientes da história oral, iconográficos, teses e reportagens constroem e/ou constatarem uma identidade social, veracidade, relevância e conceito sob parâmetros que atendem às exigências da academia. Imagina-se, porém, que há de se considerar para além dos referenciais acadêmicos sugeridos, o que seria relevante para o significado da capoeira e dos capoeiristas em contexto nacional.

2. Traçando a trajetória da capoeira na Europa sob a perspectiva de Jacques Le Goff

Nesta etapa pretendo relacionar o pensamento do autor com a pesquisa que estou desenvolvendo sobre a consolidação da Capoeira na Europa. Segundo Le Goff (LE GOFF,

1996), a história se desenvolve a partir de uma memória coletiva submetida a uma seleção que opera na temporalidade da humanidade colecionada pelo historiador. A memória se apresenta sob duas maneiras: monumentos, heranças do passado e documentos eleitos pelo historiador. O termo de origem latina *monumentum*, exprime uma das funções do espírito, expressar a memória, fazer recordar, iluminar, instruir sobre ou perpetuar a recordação. Desde a antiguidade o monumento tem expressado dois sentidos: uma obra comemorativa ou uma homenagem funerária a uma personalidade valorizada. As sociedades, onde uma ínfima parcela integra alguma testemunha escrita, fundamentam as suas memórias coletivas por meio desses marcos. Um documento, mesmo sendo eleito pelo historiador, é considerado no pensamento positivista do fim do século XIX, o fundamento de um fato histórico. No século XIX, estudos de historiadores produzem documentos que podem ser considerados monumentos a partir da forma que foram produzidos e de que funções cumprem.

A evolução de como a história tem sido contada em países como França, Alemanha e Itália, a partir de que monumentos, documentos produzidos para perpetuar fatos ou colecionados para comprovar a história, são aspectos que não detalharei nesse ensaio. A relação que pretendo estabelecer com a forma de relatar a história segundo o autor e a que pretendo desenvolver sobre a Capoeira, é, entre outras, a de saber considerar e selecionar aspectos, documentos e monumentos que contribuem para o desenvolvimento da história e se aproximem maximamente dos fatos. Considerando que o documento é um recurso indispensável, Samaran, no prefácio à obra coletiva *L'histoire et ses méthodes*, afirma que não há história sem documento escrito, afirmativa essa um tanto duvidosa se considerar que por muito tempo os saberes e fatos que não foram escritos eram muitas vezes tratados como inexistentes pois consideravam apenas os documentos escritos e por eles aprovados. Sabemos que a história vivenciada pela população que não dominava a escrita ou não possuía meios para financiar monumentos que perpetuassem a sua memória existiu e seus descendentes hoje vivos reclamam o direito de sabê-lo.

Fustel Coulanges (COULANGES, apud LE GOFF, 1996), posteriormente, em sua fala na Universidade de Estrasburgo declara que se não há monumentos ou documentos escritos, o historiador deve recorrer a fábulas, mitos e sonhos. Por onde passou o homem e deixou a sua marca de vida pode-se achar a sua história. Por meio desta ampliação de número de elementos considerados para a construção da memória, a ausência de documentos escritos ou monumentos construídos e a vastidão de histórias a serem reconstruídas por meio da história oral, das pedras encontradas por geólogos, análises de metais e aspectos astronômicos

ou paisagísticos, inúmeras passagens históricas que exprimem a existência do homem, sua presença e vida podem ser relatadas.

A historiografia que pretende-se construir sobre a Capoeira na Europa deve relatar o que aconteceu há aproximadamente 20 anos. As pessoas que vivenciaram a construção dos coletivos de Capoeira estão vivas e a pesquisadora presenciou momentos dessa história. Sendo assim, entende-se que além de poder eleger os elementos citados acima, o estudo deve considerar aspectos que constituem um reflexo da construção da imagem que o capoeirista pretende construir por meio de seus relatos e documentos produzidos. Outros documentos que relatam aspectos dessa história podem ser mais reveladores, como por exemplo a presença de elementos de Capoeira dentro de uma academia na Alemanha, o número de pessoas que respondem ao coro das chulas de Capoeira quando apresentada na rua em Paris, reportagens e vídeos guardados por capoeiristas, ex ou atuais alunos da arte no exterior, relato de uma pessoa que tenha assistido a apresentações de Capoeira por esses países, entre outros. Dessa forma, amplia-se o sentido do documento podendo ele ser transmitido por sons, imagens ou gestos.

Documentos escritos e monumentos devem ser inspecionados de maneira crítica e objetiva. Há de se considerar se o documento foi produzido com o objetivo de edificação, necessidade de intercomunicação, o tipo de escrita e sua veracidade. Em muitos momentos históricos, a linguagem edificadora do documento configura-o como monumento por deixar explícito que sua produção estaria atendendo a interesses do poder vigente e que, portanto, não seria suficiente para relatar o momento histórico de maneira mais abrangente. O pensamento positivista valorizava o documento monumental como uma de suas principais ferramentas de poder, tal postura passa a ser confrontada por meio dos outros documentos não monumentais e tal revolução traz à tona outros aspectos históricos não revelados e instiga críticas à forma como a história foi revelada no decorrer do tempo há séculos passados.

Uma memória coletiva já não está calcada apenas sobre grandes homens que marcaram a história política de um lugar já desde 1960. A história se interessa por todos, não apenas pelos proeminentes. O homem comum passa a ser de igual valor científico. Na intenção de contribuir com as histórias não contadas de feitos e memórias de um povo que por muitos séculos de positivismo histórico foi forçado à invisibilidade, a pesquisadora se propõe a revelar o trajeto da Capoeira na Europa. A proposta pode revelar a construção de uma imagem do capoeirista na Europa de maneira edificada pois estará se calcando na história oral contada por eles mesmos, por outro aspecto, possibilitará colecionar documentos

que revelam as cotidianas conquistas da arte pelas terras estrangeiras que contribuíram com a consolidação da Capoeira hoje presente em inúmeros países.

Sabendo-se que um documento não é inócuo e que sua escolha está diretamente ligada ao interesse do pesquisador, deve-se mesmo assim, considerar que tal intervenção se dá. O historiador não deve ser ingênuo, deve considerar o anseio do relator ao analisar sua fala. Os documentos, segundo o autor, são sempre verdadeiros, inclusive os falsos, por meio dele se desvenda uma intenção ou questiona-se um outro. Desestruturar tal construção por meio de questionamentos e observações pode revelar ainda mais aspectos que podem contribuir com a história. Ao criar o documento o autor torna-se co-criador e testemunho do poder, o poder de criar a história. Por isso é de suma importância que os documentos analisados sejam contextualizados. Sendo estes vistos em conjunto com os outros elementos que o retratam e/ou contribuem para a veracidade dos fatos e com documentos iconográficos tornando possível que juntos sejam transferidos do campo da memória para o da ciência histórica.

3. A Memória Social da Capoeira e seu Legado Internacional - um ensaio sob a perspectiva do historiador Michael Pollak e sua congruência com o pensamento de Le Goff.

O sociólogo Michael Pollak (POLLAK, 1989) teve sua tese orientada por Pierre Bourdieu, sua principal preocupação era a relação entre política e ciências sociais, por meio de sua visão sociológica se estende a outros campos e reflete nesse texto sobre a história oral seu pensamento. Pollak foi professor visitante do Museu Nacional no Rio de Janeiro em 1988 e publicou o artigo “Memória, esquecimento, silêncio” em 1989.

Numa reflexão sobre a história oral e conceitos de identidade nacional construídos a longo prazo e refletidos na memória política, segundo o autor, o que se capta das memórias individuais ou coletivas são passíveis de interpretação. No caso do presente estudo sobre a consolidação da capoeira na Europa, noções providas da memória e percepções da realidade podem trazer elementos mais constitutivos da história do que uma factualidade positivista. Com tais considerações, porém, submete-se a história a mudanças constantes e flutuações. Mesmo assim existem fatos invariantes e imutáveis identificáveis ao longo da realização das entrevistas. Ao relatar os acontecimentos, os entrevistados acabam repetindo fatos que caracterizam marcos invariáveis. A impressão inicial é de que a memória tende a ser um fenômeno individual, mas a repetição de fatos relatados por diferentes pessoas

torna esses elementos irreduzíveis que permitem consolidar a história de uma coletividade. Elementos relatados acerca das rodas de Capoeira, da música que deu início à participação do estrangeiro no exterior e outros fatos adjacentes, integram a essência do capoeirista mesmo que muitos relatos se modifiquem quando providos por outros interlocutores ou pela forma de relatar o acontecido. Como então identificar quais elementos seriam os que deveriam ser considerados? Segundo o autor, em primeira linha aqueles vividos individualmente, em segundo, os vividos por tabela. Fatos vividos por tabela são aqueles acontecimentos vivenciados pela coletividade que o entrevistado se insere. Muitos capoeiristas não participaram de todos os encontros de verão, mas seu imaginário pode ter sido tão emocionalmente intenso e conectado com o evento que ele já não sabe ao certo se realmente estava presente. Como se fosse uma memória herdada, a identificação e fenômeno de projeção levam a que o relator se confunda a respeito dos fatos. Ao ministrar a entrevista, o pesquisador deve se remeter a personagens marcantes que podem suscitar memórias e traçar identidades que mesmo não sendo da convivência ou época do relator podem trazer informações e aspectos inusitados. São lugares da memória que constituem o ser e a sua identidade. No caso dos encontros de Capoeira na Alemanha, seria talvez possível entrevistar as crianças, hoje já crescidas, e especular o que lembram desses encontros, se poderiam trazer à tona algo que tivesse marcado sua memória. Seja por algum fato ocorrido em sua família neste período ou algo inusitado vivenciado por ela, algum fator pode ser recordado. Tais memórias poderiam trazer personagens e localizações reais ou projeções de outros eventos que poderiam contribuir para que sejam empiricamente fundamentados em fatos concretos.

Para traçar uma comparação, o autor afirma que quando a entrevista é ministrada em personagem público, a tendência é a de que a vida pessoal se dilua no relato tornando-se quase que invisível e as datas tratadas como pessoais seriam em realidade acontecimentos públicos. Isso acontece quando a pessoa quase que não discerne mais a sua vida pública da pessoal, seja por falta de tempo ou simplesmente porque a partir de certo momento da vida seu ser se reduz ao proeminente que se tornou. Neste caso, não se considera que o entrevistado esteja faltando com a verdade, mas há de se refletir sobre a realidade e a construção do personagem e eleger o que considerar como história. Esta parte do texto de Pollak ressalta o pensamento de Le Goff quando este atenta para os monumentos criados ao longo da história e a forma como os entrevistados se relacionam com eles.

No caso dos capoeiristas que deram a sua vida pela estruturação e reconhecimento da arte, existe a possibilidade de que seu relato esteja refletindo seus anseios

de imortalidade e a criação da sua imagem pública. Pollak atenta para o fato de que a memória humana é seletiva quando aponta todos esses elementos citados e que tais questões devem povoar as reflexões do pesquisador ao elaborar o seu trabalho. A memória seletiva seja por reflexo intuitivo ou por perpetuação de poder demonstra que nem tudo fica registrado, abrindo, portanto à necessidade de comprovação.

Além dos elementos citados, o autor ressalta a presença da memória coletiva e da memória herdada. No momento em que é revivida, reativa preocupações e sofre flutuações ao ser lembrada. Quando se trata de organizar a memória pública que deve constituir a história nacional, tal memória passa a ser objeto de disputa, controvérsias podem se manifestar no que se diz respeito a datas e acontecimentos e quem terá o poder de estabelecer o que estará escrito no livro da história e terá seu nome nela imortalizado.

A capoeira, no ano de 2009, foi brindada com uma obra de salvaguarda de sua história e identidade pelo IPHAN, caso haja controvérsias naquelas datas ali escritas, serão estas as que perdurarão pelos tempos, já não haverá vivos para contestar qualquer erro, se necessário. A equipe de historiadores responsável pela produção do documento e respaldada pelo ministério produziu a edição com o objetivo fiel à história e colecionou documentos e relatos que juntos constituíram inúmeros aspectos memoriais que serão fundamento da memória de um povo. Sua organização é construída para determinado objetivo que atende a interesses políticos e individuais. A memória e o sentimento de identidade estão, segundo Pollak, intimamente ligados e por meio desse sentimento coletivo a produção do monumento se dá emprestando a ideia de que tal memória reflete um indivíduo. O ser humano, no caso, o capoeirista, adquire sua credibilidade por meio dessa imagem oficializada. Raramente constrói-se uma imagem de si sem que haja negociações, construções ou mudanças. O grupo de mestres de capoeira que juntos levaram a arte para países como a França, Alemanha e Holanda contarão as suas histórias e memórias seletivas e eternizarão seus atos por meio desse trabalho inclusive. A referência, credibilidade e admissibilidade dos acontecimentos, por serem essenciais de indivíduo ou grupo, é passível de negociação, de confronto de memórias, de valores atribuídos e herança. Valores familiares são construídos e disputados, construir o herói da família e a memória do país estão intimamente interligados. No caso da Capoeira na Europa, aconteceram casos de capoeiristas que foram obrigados a deixar o país, que passaram necessidade para poder se firmar com um grupo de Capoeira, que chegavam sem dinheiro dependendo do chapéu da roda feita na rua para poder se locomover em transporte público nas caras cidades da Europa, da falta de gente pra tocar o berimbau muitas

vezes em aula ou mesmo na rua, tendo que levar um gravador para viabilizar o treino por ser apenas uma pessoa ministrando uma arte coletiva. Dos muitos capoeiristas que não se firmaram, desistiram ou mudaram de atividade quase que não se encontra registro. Isso para dizer que os livros ou as memórias individuais e coletivas tendem a citar fatos que edifiquem e imortalizem em detrimento do fracasso ou sofrimento de muitos. O historiador deve, segundo Pollak, aplicar e entender o enquadramento da memória como investimento social elaborado por meio de uma instituição para solidificar a sociedade. Tal enquadramento proporciona a continuidade daquele grupo social fundamentando-o e dando visibilidade. No caso da Capoeira, sua eternização por meio da história e reconhecimento tem sido reivindicada assim como outras culturas afro-diaspóricas. O autor ressalta ainda que toda construção de memória paga um alto preço por ter que exercer um enquadramento e afirmar verdades. A exemplo disso, caso haja necessidade de recontar a história já contada por um outro aspecto ainda não abordado, a mudança da memória e a inclusão de personagens ou fatos antes não mencionados podem gerar custos éticos, morais e monetários. Se tudo está devidamente constituído e comprovado, eventuais questionamentos não encontrarão fundamento, a identidade social é um fator que respalda a veracidade da história.

A pesquisa sobre a capoeira, fatores que possibilitaram a sua sedimentação em países da Europa, pretende se utilizar da história oral como fonte para a reconstrução do real. São muitas as questões que a pesquisadora deve considerar ao entrevistar um capoeirista. Considerando as questões levantadas por Le Goff sobre o desejo de imortalidade do entrevistado e a construção de si a ponto de pretender eternizar-se como um monumento, poderia afirmar que uma memória construída com respaldo na identidade social, mesmo que portadora de pretensão monumental, encontraria fatos repetitivos que a impossibilitaria de ultrapassar os parâmetros da admissibilidade. Assim como a memória, a documentação também é construída socialmente. O autor afirma não haver diferença entre fonte documental e oral. Fatores criticados nas fontes orais devem ser aplicadas a todas as fontes por serem todas passíveis de manipulação e disputa de poder, não podendo tampouco ser captada como verdade absoluta. A intermediação que o pesquisador desenvolve em seu trabalho tem como objetivo a reconstrução dos fatos e memórias, sendo assim, uma ingênua atitude positivista acerca da relevância de documentos já não atende a realidade atual. Sendo assim, a história oral nos dias atuais é instrumento privilegiado para a especulação de outros aspectos desdobrados e desenvolvidos numa pesquisa. Instrumentos e técnicas metodológicas que nos possibilitem acessar tal memória e novos campos foram desenvolvidos. A memória de

estrangeiros que assistiram a apresentações de Capoeira, suas impressões e fatos relevantes que relacionam a cultura brasileira com a alemã, francesa ou holandesa por exemplo, podem ativar outras compreensões da cultura brasileira vivenciadas pelos estrangeiros que expressam valores lá ressaltados mais do que aqui. Um workshop de Capoeira vivenciado pela pesquisadora em campos de integração cultural entre suecos, africanos e sírios adolescentes poderia ser um exemplo da extensão ativa que a arte pode proporcionar não vivenciadas desta maneira em solo carioca.

Quando Le Goff menciona que o historiador precisa se nutrir de informações em outras fontes, podemos compreender e incluir os aspectos abordados por Pollak, a história oral, nos dias atuais, são fonte de extrema importância para a história, memória e identidade social. O arcabouço de memória humana, coletiva e individual enriquecida com outros elementos citados pelo autor constituem a própria vida do ser humano expressas nesses documentos.

A internacionalização da Capoeira é uma ação constante e ininterrupta, a pesquisadora considera que os elementos musicais fixados na memória dos participantes, alunos e público dos eventos de Capoeira nas cidades de Hamburgo, Amsterdã e Paris no início do movimento, são de fundamental importância para a consolidação da arte em países de além mar. Entende-se que as memórias individuais, coletivas e identidades se estruturam em muitos aspectos relacionando-se ao olhar do Outro, tal olhar estabelece parâmetros que podem ser estendidos quando acrescidos de olhares de proveniência estrangeira. A assimilação de si em um impacto cultural de maior amplitude tende a ressaltar aspectos ainda não tão latentes quando em convívio interno em seu campo geográfico original. Muitas vezes o capoeirista se vê em funções organizatórias, artísticas e pedagógicas que não se manifestaram em sua cidade de origem, o aluno ou dono de salas de concertos onde se deram tais eventos se depararam com um organizador e pedagogo até mesmo antes de conhecê-lo como capoeirista.

Sobre a pesquisa e a possibilidade de se esgotar as fontes, há de se considerar o estado pandêmico que vivenciamos atualmente, provavelmente a pesquisadora não terá como viajar aos países hospedeiros como planejara, mas contatos têm sido estabelecidos por meio de redes sociais. Isso vem de alguma forma enfatizar a importância da história oral, das entrevistas e de contatos com fontes informativas em redes sociais com maior intensidade e da necessidade de um trabalho de entrevista mais apurado. Essa fonte de relatos e informações será de muita importância para a pesquisa. Algumas entrevistas já foram

realizadas para o presente trabalho. O capoeirista disposto e ciente de sua contribuição, conta com detalhes a sua vida e desafios superados ou não. Suas declarações são possíveis de serem constatadas com os documentos que apresenta, alunas que o conhecem, outros capoeiristas, fotos e datas. Os entrevistados, têm uma história de vida perpassada pela capoeira e são considerados um dos pilares da dissertação. Um questionário será elaborado para esgotar algumas das informações obtidas num primeiro relato com o intuito de controlar distorções e gerir a memória. Há de se considerar as fronteiras físicas, psíquicas e o pertencimento ao grupo nos processos da entrevista, a memória herdada e a identidade quando se encontram no exterior tendem a ampliar seus traços identitários. Com a interferência e participação de alunos de outras culturas tão distintas, as características do esporte tendem a estar ainda mais explícitas. Um nigeriano que participava do grupo de Capoeira na França por exemplo, sabia cantar as músicas de Capoeira quase perfeitamente sem entender o idioma brasileiro e demonstrava uma habilidade corporal para a arte não encontrada em um francês. Traria ele em seu corpo uma memória de raiz africana que rege a capoeira? Seria essa uma memória corporal que traça uma identificação em povos diaspóricos? Reflexões como esta podem ser ressaltadas para um trabalho mais aprofundado sobre a capoeira quando praticada por africanos em um outro momento. O que gostaria de apontar é que por meio da história oral podemos desvendar outros temas que podem ser pesquisados e desenvolvidos. Abrindo assim novos campos de pesquisa. Respeitar a pluralidade da história e considerar dados que não necessariamente atendem a pergunta do momento, mas que suscitam outras questões estende as perspectivas da ciência.

Quando o historiador age, é importante considerar as subjetividades expostas nos relatos e documentos encontrados. Nada deve ser desperdiçado pois o que não serve para o presente pode servir ao futuro.

4. Apreendendo subjetividades: uma inspiração a partir de colocações levantadas por Santuza Naves (NAVES, 2007)

A autora discorre sobre a possibilidade de não separar empiria e teoria ao entrevistar músicos populares, a entrevista pode ser considerada a própria obra. Santuza Naves acompanhou o desempenho musical e performático de grandes nomes da MPB e procurou estabelecer uma linguagem acadêmica específica para lidar com as variadas nuances que caracterizam a música popular brasileira.

Assumindo que a antropologia está diretamente ligada a um trabalho etnográfico, a autora comenta a origem dessa ciência e suas tendências categóricas. Observando o pensamento de Lévi Strauss sobre abordar o objeto a partir de suas próprias categorias lógicas, a autora sugere considerar uma entrevista como etnografia. Apontando características das entrevistas que ministrou, relata as diferenças de um trabalho antropológico onde o pesquisador nutre um contato prolongado com o “nativo” e, no seu caso, as realizadas com os seus entrevistados, que são famosos e concederam a entrevista quase sempre uma única vez. Seus entrevistados são proeminentes, pouco disponíveis e muito requisitados em suas respectivas áreas de atuação. Naves se refere à proposta hermenêutica de Gadamer que aponta para os processos de compreensão do problema. Um relato acerca dos fatos que pretende-se documentar por meio da história oral não traz respostas ou informações que permitam a sua compreensão apenas ao final de um longo trabalho. Diferente dos positivistas, os cientistas-espirituais afirmam, segundo Gadamer, que respostas aparecem já desde o início da investigação. A compreensão e interpretação do material acontece quase que simultaneamente e está em constante processo de criação. A entrevista é uma interação lúdica que tem potencial científico que está para além de apenas um questionário.

Para ilustrar seus argumentos, Naves cita uma entrevista que fez com um proeminente da crítica musical sobre opiniões e preferências que deslanchou quase em um debate e que muito expôs de suas opiniões que potencialmente causariam controvérsias. A autora observa que tal debate envolve outras opiniões avulsas que não necessariamente respondem às suas perguntas, mas que brotaram naquele momento e estariam ecoando e causando repercussões que criam novas formas de pensar o objeto à partir de outras perspectivas, constatando que aquilo que permaneceu daquela fala configurou-se em algo que acrescentou elementos aos pensamentos.

Encontra-se neste argumento algo que complementa alguma ponta solta que provavelmente surgirá na entrevista com um capoeirista ou mestre de Capoeira. Uma delas seria o próprio conceito de como tratar a fala do entrevistado. Os capoeiristas que entrevistarei são precursores da capoeira na Europa e aqui no Rio de Janeiro são integrantes de uma das primeiras academias de capoeira que segue as ideias do mestre Bimba de como dar aula, a relação com a academia, faixas de nivelamento, sequências de movimentos, relação com alunos e forma de fazer a música. Com a partida para um continente desconhecido, outras questões surgiram. Por exemplo, na década de 90 no Brasil, o número de mulheres fazendo capoeira era baixíssimo enquanto na Europa o número era bem elevado,

o confronto cultural dos mestres com a autonomia da mulher europeia e seu papel na capoeira no exterior surge nas falas dos mestres de maneira espontânea, se a entrevista for devidamente direcionada pode-se colher um relato que, além de questões relacionadas a capoeira, um olhar acerca de relações de gênero podem abrir para uma série de debates. Outro exemplo seria o fato de alguns mestres serem também compositores de música de capoeira e outros ritmos e podem contribuir com outros aspectos da música brasileira de forma genuína. Porque deveria nutrir um olhar para a música de capoeira como se esta fosse algo menor no repertório nacional de músicas nacionais?

Se formos refletir mais profundamente sobre o fundamento da música popular brasileira no aspecto de elementos que a formam, podemos identificar ritmos de origem africana em quase todo o seu percurso, as africanias fluem até em expressões que não a pretendem. Ao entrevistar o mestre Toni Vargas perguntei se ele era compositor de música de Capoeira e ele respondeu que era compositor de música popular, acaso a música de Capoeira não é música? Sua resposta leva a refletir sobre o fato da música tocada na Capoeira ter ou não atingido o patamar de música popular. Sendo a pesquisa sobre a capoeira, assuntos nelas abordados e reflexões sobre músicas originadas nas academias ou compostas por capoeiristas cantadas em rodas no exterior integrarão o trabalho. Poesias expressas em músicas de Capoeira e a história por ela percorrida no tempo e espaço desde o tempo da escravatura interagem em ladainhas, chulas e corridos tocados e cantados nas rodas de Capoeira da atualidade no Brasil e no mundo. O depoimento de cantores e compositores dessas músicas não ocupam espaço fora dela, mas o manancial de informação ali explícito é de profunda complexidade e ocupa um espaço atemporal. Muitas das músicas são do tempo de Bimba, enquanto outras foram criadas recentemente. Cantadas em *pout-pourri* nas rodas, as canções se dividem conforme seu ritmo agrupadas em mais lentas ou mais aceleradas e acompanhadas de seu toque específico de berimbau.

Por um lado, a reflexão sobre como lidar com o monumento expresso em falas de personagens entrevistadas ressaltada por Le Goff, quando o entrevistado pretende se eternizar ou se recriar e por outro, a oportunidade de colher a essência que recria a capoeira em terras distantes valorizando cada subjetividade exposta na fala povoam o pensamento. Como cientista, encontrar a melhor forma metodológica que dê conta da ampla revelação do objeto é um desafio enriquecedor. Naves entrevistou inúmeros “monumentos”, ou seja, proeminentes, grandes nomes da música e críticos, e discutiu uma forma de deixar suas falas como obras quase que intocáveis a serem consideradas etnografias por assumir a importância

intelectual de seus entrevistados, “julgar” que a fala e opinião desses famosos teriam o que acrescentar ao panteão da academia. Seus argumentos são convincentes, teve que para isso, recorrer a hermenêutica e, se utilizando da sapiência e renome dos entrevistados, consegue comprovar a relevância das suas falas e debates estendidos, pois a intelectualidade lhe concede respaldo.

A partir do texto de Santuza Naves, considera-se a possibilidade de incluir eventuais reflexões dos capoeiristas entrevistados acerca do que pensam sobre a música que fazem, seu pensamento e inspirações instigando debates sobre a capoeira e outras questões que saltam nas entrevistas. O que pensa o capoeirista da música que faz? Considerando o pensamento de Michael Pollak, o que afirma Naves, seria até um complemento à sua afirmativa de que o pesquisador deve considerar inclusive as falas que não necessariamente respondem às suas perguntas, mas que levantam um viés que pode levar a outros estudos e indagações. A pesquisadora considera que as perguntas e referências devem atender às demandas da pesquisa. O trabalho é prioridade em detrimento do conceito que gera e direciona a entrevista. O pesquisador deve saber utilizar o conceito apropriado para responder às suas demandas.

Não diferente da autora, a presente pesquisadora também terá que lidar com personalidades que consolidaram a capoeira e deixaram o legado, objeto da minha pesquisa e de alguma forma, passaram por processos seletivos, que presume-se serem autênticas e possuem identidades construídas. O interesse no ato de desvelar subjetividades que enriqueçam a pesquisa por meio das entrevistas instiga mais demasiadamente do que a constatação dos fatos.

5. Considerações finais

Compreender a vida dos seres humanos em ação individual e coletiva num determinado período de tempo específico e a sua relação com a identidade sociocultural é uma tarefa que tende a espelhar, de maneira consciente ou subconsciente a identidade do pesquisador. O distanciamento e observações acerca das questões levantadas nos textos de Santuza Naves, Le Goff e Pollak são de fundamental importância para a construção do cientista pesquisador que precisa calcar os saberes coletados em fundamentos teóricos e técnicas que possibilitem um trabalho científico de relevância. Ao coletar a história oral dos capoeiristas e testemunhos assim como outros documentos iconográficos e textuais deve-se considerar os aspectos que possibilitam sua veracidade exemplificados no texto, além das

subjetividades que podem ser reveladas. A especulação da memória dos mestres da capoeira e as formas de consolidação da arte brasileira na Europa precisam ser calcadas em reflexões previamente esclarecidas.

Lembrando que estamos no Brasil e uma realocação epistemológica no que se refere à intensa presença do eurocentrismo nas academias tem se tornado emergente nos movimentos sociais da atualidade, entende-se que tal opção de perspectiva seja estritamente necessária pelo número populacional de afrodescendentes no país e os necessários processos de descolonização. Sendo a Capoeira de origem africana, nada mais coerente do que tratar a temática sob uma perspectiva desenvolvida por pensadores de origem africana que se preocupam com o valor e relevância dessa cultura. Com exceção dos tutoriais para a elaboração da dissertação pode-se afirmar que até o presente momento, estudos e pensadores de origem não europeia não têm sido mencionados nas disciplinas obrigatórias do programa de pós-graduação em música da UFRJ na área de musicologia.

Constata-se, portanto, que na academia, a cultura afrobrasileira encontra-se até o presente momento submetida a um olhar que a despreza.

Referências

- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed., Campinas: Unicamp, 1996. p. 366-419
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento*. 7. ed., Campinas: Unicamp, 2013. p. 200-215
- NAVES, Santuza. *A entrevista como recurso etnográfico*. Rio de Janeiro: Matruga, 2007. p. 155-164